

Editorial

Chega ao público o segundo número do periódico eletrônico *Música Popular em Revista*. Ao longo do processo editorial, recebemos um grande número de trabalhos versando sobre diferentes aspectos da música popular, procedentes de diversas áreas do conhecimento e com múltiplas perspectivas teóricas. O presente número de MPR expressa essa diversidade, uma vez que é composto por textos que abordam desde a música no século XIX até clipes de funk do início do século XXI, produzidos por pesquisadores vinculados a campos acadêmicos distintos, dentre eles a Musicologia, História, Sociologia, Comunicação, Jornalismo, Dança e Educação. Com isso, esse conjunto de trabalhos possibilita que a música popular, enquanto fenômeno, possa ser *vista e revista* sob diferentes aspectos e perspectivas.

O primeiro artigo, de autoria de **Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas**, traz uma reflexão acerca da permanência, na música popular, de traços resultantes dos “desacordos” entre o ideário e os procedimentos de Arnold Schoenberg e de Richard Wagner. O autor inicialmente explora os debates entre os ideais desses dois compositores, enfatizando em um a busca por harmonias complexas, mas que mantenham um princípio de coerência, e no outro a necessidade de se estabelecer relações de expressividade entre o procedimento musical e o texto do drama. Enfim, Freitas observa de que modo isso aparece nas canções populares “*I’ll Remember April*”, “Hino ao Sol”, “Viver do amor”, “Setembro (Amada)” e “Sapato Velho”. Com isso, o artigo conduz à reflexão sobre a origem de certos critérios valorativos em voga na música popular, bem como para os *pontos de contato* entre esse repertório e a música de concerto do século XIX.

Na sequência, **Cristina Magaldi** explora a música popular no Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o século XX. Ao contrário de interpretações calcadas em um viés nacionalista, a autora sinaliza a presença de um intenso cosmopolitismo – a *world music* da época – naquela produção musical, como se nota em composições de Aurélio Cavalcanti, Nicolino Milano e Julio Reis, analisadas por ela. Assim, o artigo traz uma série de informações e reflexões que se contrapõem às visões essencialistas sobre a história de nossa música popular.

Laura Silvana Ribeiro Cascaes explora em seu artigo a relação entre a música e a dança no Teatro de Revista carioca na década de 1920. As informações trazidas pela autora contribuem para se aprofundar o conhecimento acerca do circuito de entretenimento carioca e do modo pelo qual a produção musical popular ali se articulava. Assim, paralelamente aos estudos que privilegiam o rádio e o disco como espaços de produção e circulação da música popular, o artigo aponta para o vínculo entre cantores como Francisco Alves com as Revistas, bem como a presença do samba nesse cenário.

O tema da malandragem, já explorado em estudos sobre a música popular brasileira, é revisitado pelo texto de **José Geraldo Pereira Baião**. Além de mapear as discussões acerca dessa temática, o autor estuda especificamente a trajetória do sambista Moreira da Silva, que não apenas cantou a malandragem, mas se travestiu no próprio malandro, passando a se apresentar como o personagem Kid Morengueira e convertendo-se, assim, numa espécie de “malandro-padrão” do cenário da música popular no Brasil.

Ariel Hernán Mamani estuda as *peñas* no Chile, que floresceram em meados da década de 1960 e consistiram em espaços onde se realizavam apresentações de música ao vivo, tanto ligadas à música folclórica, mas também à canção de protesto. O autor traz informações sobre o funcionamento de alguns desses estabelecimentos e sobre os artistas que nela atuavam. Dentre elas, destaca a *Peña de los Parras*, que se tornou uma espécie de paradigma e foi um dos ambientes que contribuíram para a consolidação daquilo que se chamou de *Nueva Canción Chilena*, cujos principais representantes foram Víctor Jara, Patricio Manns, Ángel Parra e os conjuntos Quilapayún e Inti-Illimani.

Na sequência, são apresentados três textos que versam sobre o rock no Brasil em diferentes épocas. O trabalho de **Marcelo Garson** analisa a chegada do gênero no país rebatendo a ideia mais usual de que isso se deu com a Jovem Guarda e situando-a na década de 1950. A partir de uma documentação retirada de publicações da época, o autor mostra como o rock foi abandonando seus traços acrobáticos e coreográficos, aos quais ele estava inicialmente vinculado, para ir se consolidando como um gênero musical.

Luís Antonio Groppo investiga as origens do rock produzido no Brasil durante a década de 1980. Para isso, o autor traz informações sobre a consolidação da indústria cultural no país e sobre a formação de um público consumidor de faixa etária juvenil e de classe média, fatores que estariam na base dessa produção. O trabalho identifica duas fases do rock na década em questão, uma compreendida entre 1983 e 1985, tendo como principal centro a cidade do Rio de Janeiro, onde se produziu a chamada *new wave* brasileira, e a outra situada entre 1985 e 1987, centralizada no eixo São Paulo-Brasília, quando se consolidaram as carreiras dos principais artistas do gênero, incluindo-se o de maior sucesso no mercado de discos, o grupo RPM.

Enquanto o trabalho de Garson estuda os primórdios do rock no Brasil e o de Groppo analisa os artistas do *mainstream* desse segmento, a pesquisa de **Eliza Bachega Casadei** investiga um cenário mais alternativo do rock, representado pelas *Riot Grrrl* nos anos 1990. Trata-se de uma cena musical frequentada majoritariamente por meninas, com um forte viés feminista, e cuja música era pautada pelo *punk* e pelo *punk hardcore*. Além da produção musical propriamente dita, esse grupo também criou uma esfera pública alternativa em termos de crítica musical através do lançamento de publicações próprias e do uso das mídias sociais.

O artigo de **Simone Evangelista Cunha** finaliza o volume analisando as representações e as tensões do funk carioca em vídeos postados no YouTube. Para isso, a autora toma como objeto de reflexão vídeos do grupo Gaiola das Popozudas, composto apenas por mulheres, bem como os comentários dos internautas. Em seguida, discute-os em paralelo com uma paródia que o grupo recebeu dos humoristas Marcelo Adnet e Rafael Quiroga, intitulada “Gaiola das Cabeçudas”, a qual traz como personagens de um clip de funk os “grandes” artistas e intelectuais da cultura ocidental.

Agradecemos aos autores que contribuíram com este segundo número de MPR e desejamos a todos uma boa leitura!

Os editores,

Prof. Dr. Rafael dos Santos (UNICAMP)
Prof. Dr. Luiz Otávio Braga (UNIRIO)
Campinas, junho de 2013